

Estado de sítios

O espaço virtual das companhias portuguesas

Paula Cristina Gomes

>

Cidade dos diários,
texto e dir. Ana Vitorino,
Carlos Costa,
Catarina Martins
e Pedro Carreira,
Visões Úteis, 2005
(Ana Vitorino),
fot. Paulo Pimenta.



Talvez ainda não seja, por estes dias, uma verdade incontestável, mas não faltará muito para que a inexistência na rede global signifique o princípio da invisibilidade no mundo das coisas ditas reais, tal a velocidade a que se processa a fusão. Esta inevitabilidade parece ter agitado as consciências das companhias de teatro portuguesas para a urgência da construção de uma casa virtual na *Internet*, porque são já em número considerável os sítios inventariados, mas mostra-se ainda incapaz de as elevar a um outro nível de edificação, que permite passar do estado de simples residência àquele em que as portas e as janelas (desse outro espaço que é o mesmo) se abrem ao novo universo e assimilam todas as suas virtualidades. Quer isto dizer que, embora tenham conseguido, para já, escapar ao processo de "desaparecimento", a grande maioria ainda não saiu de um estado meramente vegetativo.

Mas antes de iniciar a navegação importa salientar que a viagem (necessariamente breve), para além de assumir a generalização e a limitação da abordagem (uma entre muitas possíveis), optou também por limitar a rota aos sítios inventariados em Teatro Links (www.teatrolinks.com.sapo.pt), que no período em análise (Setembro de 2006) atingiam o número de sessenta.

Embora a maioria apresente soluções simples e sem grandes artificios tecnológicos, o que de certa forma abona em favor da celeridade da navegação, percebemos que, quer a apresentação, quer a organização dos conteúdos fazem parte do leque de preocupações das companhias portuguesas ou dos respectivos criadores dos sítios, já que são poucos os exemplos de casas virtuais descuidadas, assim como são poucos os que se desleixam com a sua actualização. No entanto são também raros os exemplos que primam por aproveitar boa parte das potencialidades que a *Internet* coloca à disposição.

Por norma, nos itens da página inicial, é possível aceder a um pequeno historial do grupo, à informação sobre os espectáculos em cena ou em preparação, à programação para a temporada em curso (quando previamente estabelecida), ao rol de espectáculos apresentados (que pode ir da simples cronologia - onde figuram apenas o ano de estreia, o título do espectáculo e o autor (do texto) - a um elaborado programa que se divide em sinopse, ficha artística e críticas, complementado com fotografias do espectáculo ou com a imagem do cartaz), ao nome dos elementos da equipa (com ou sem *curriculum*), aos contactos e aos apoios, quando eles existem.



Os sítios um pouco mais elaborados podem ainda disponibilizar, conforme os casos, uma área com novidades/notícias sobre as actividades da companhia ou a subscrição, via correio electrónico, do respectivo boletim informativo, uma área de imprensa onde estão reunidos excertos de críticas publicadas em jornais ou revistas, um mapa de localização da sala de espectáculos, uma zona de ligações a sítios de entidades culturais, outras companhias, criadores ou *blogs*, que na maior parte dos casos têm direito a página própria, embora possam também aparecer no âmbito dos restantes textos disponíveis, e uma galeria que reúne cartazes e fotografias dos diferentes espectáculos, embora, curiosamente, apesar da facilidade com que pode ser criada, ainda não seja uma prática generalizada. Há ainda sítios que disponibilizam, por inteiro ou em parte, as publicações pelas quais as companhias são responsáveis ou a aquisição, em lojas *on-line*, dessas publicações ou de outros materiais, como textos ou programas de espectáculos.

Com maior ou menor aparato gráfico, socorrendo-se uns (poucos) da tecnologia que permite "animar" a informação disponível nas páginas ou, preferindo outros (a maioria) organizar os conteúdos de forma mais simples,

é este o estado de uma boa parte dos sítios dos grupos de teatro portugueses. Na verdade, não são obrigados a muito mais, mas, tratando-se de um terreno tão fértil e com custos de produção tão reduzidos (pelo menos quando comparado com outros meios de divulgação), é difícil perceber porque é que a colheita é quase sempre tão fraca.

Servimo-nos de felizes exceções (que não deixam de confirmar a triste regra) para demonstrar como as potencialidades da rede global podem de forma simples e eficaz contribuir não apenas para a divulgação da companhia e das suas actividades (os anúncios em jornais, revistas, rádio ou televisão são mais dispendiosos) mas também para a projecção de uma imagem dialéctica onde a comunicação pode ser estabelecida de forma multilateral.

O sítio das Visões Úteis (visoesuteis.pt) assume-se como uma casa virtual "com muitas portas", onde é possível encontrar as habituais informações sobre a companhia e os espectáculos, mas também ter acesso a algumas etapas dos processos de criação e a outros trabalhos de artistas que regularmente colaboram com o grupo do Porto. A página inicial conduz-nos não apenas ao "Historial", às "Pessoas" e às "Actividades" mas também a uma página de "Novidades" (que funciona como um *blogue*, com todos os *posts* passíveis de serem comentados), onde são colocadas todas as informações relevantes em relação às actividades do grupo; a uma "Galeria Multimédia" (subdividida em "Imagens", "Palavras" e "Sons"), criada para mostrar os objectos utilizados, para registar os processos criativos e os seus resultados – como os textos escritos por Nuno Casimiro para documentar o processo de escrita de *Cidade dos diários* – e documentos paralelos, como projectos fotográficos, excertos nunca utilizados de bandas sonoras, imagens e animações que serviram de ponto de partida para alguma coisa; a uma zona de "Links", que nos direccionam para os parceiros nacionais e internacionais do grupo, mas também para os sítios criados especificamente para os projectos das Visões Úteis, como é o caso da 27ª produção *Cidade dos diários*. Por último, ainda na página inicial, podemos aceder a um "Centro de imprensa" que disponibiliza um conjunto de documentos (dossiês de imprensa em formato PDF e fotografias) sobre o grupo e os espectáculos, com o objectivo de facilitar o trabalho dos profissionais de comunicação social.

Sem grandes artificios gráficos mas de uma forma que não deixa de ser visualmente apelativa, o sítio das Visões Úteis permite estabelecer um interessante diálogo não apenas com o grupo mas também com as produções

<

À procura de Júlio César,
texto e enc. Carlos J. Pessoa,
Teatro da Garagem e
Teatro dos Aloés, 2006
(Ana Palma
e José Peixoto),
fot. Rodrigo Duarte.

>
O terceiro homem,
 texto e enc. Alexandre
 Lyra Leite,
 Inestética Companhia Teatral,
 2006
 (Carla Jordão, Inês Jacques,
 Eunice Gonçalves Duarte
 e Sílvia Lucena),
 fot. Alexandre Lyra Leite.



e com os processos criativos que estiveram na sua origem.

O sítio da Inestética (www.inestetica.com), companhia sediada em Vila Franca de Xira, é outro bom exemplo de como o diálogo pode ser prolongado para lá do espaço cénico, com a disponibilização de *downloads* de textos, músicas, vídeos e *wallpapers*, a apresentação de *slide-shows* dos processos de criação de alguns espectáculos e um fórum onde os interessados podem deixar a sua opinião sobre a companhia e os suas produções, enquanto o sítio do Teatro ao Largo (www.teatroalargo.com), que se assume como um dos principais grupos de teatro itinerante em Portugal, ajuda a potenciar a afirmação ao disponibilizar, para além dos habituais conteúdos, informações sobre as condições técnicas mínimas exigidas para a apresentação dos espectáculos, uma agenda mensal onde vão sendo apontadas todas as apresentações, um item onde reinam os números de representações e audiências e, antes de entrar no sítio propriamente dito, um vídeo promocional, realizado em 2004 (para assinalar os dez anos da companhia), com imagens de algumas apresentações e depoimentos de elementos do grupo e do público, e o livro (disponível para *download*) *Teatro ao Largo: Um grupo de teatro comunitário em Portugal*.

O sítio pode ainda funcionar como espaço privilegiado de projecção e divulgação de actividades paralelas como festivais, escolas ou *workshops*, como acontece com a Companhia de Teatro de Almada (www.ctalmada.pt), cuja área mais interessante acaba por ser a que é dedicada ao Festival de Teatro de Almada, e com a Filipe Crawford – Produções Teatrais (www.filipecrawford.com), onde o Festival de Máscaras e Comediantes e a Escola da Máscara canalizam boa parte das atenções.

Pontualmente encontramos outros bons exemplos de sítios que contornam a efemeridade cénica através da generosa disponibilização de materiais importantes para uma melhor compreensão do espectáculo ou para reflexões

futuras. Partindo da ideia que a fotografia de cena permite captar momentos impossíveis de serem observados durante o espectáculo, o Teatro da Garagem (www.teatrodagaragem.com) resolveu criar uma galeria com fotos de ensaios, demonstrando também, desta forma, a importância de documentar os processos de criação. O sítio da Casa Conveniente (www.casaconveniente.pt), apesar de ainda estar em construção, demonstra, como a própria companhia, presta especial atenção às dramaturgias, área onde é possível, para já, aceder a quatro dos textos já trabalhados mas que pode ser ainda potenciado de forma mais interessante. Os sítios do Teatro Meridional (www.teatromeridional.net) e da Assédio (www.assedioteatro.com.pt), este último também em processo de construção, disponibilizam, para além das sinopses e fichas artísticas (e excertos de críticas no caso do Teatro Meridional), textos que explicam os motivos que levaram à escolha de um texto, à realização de uma adaptação ou que falam sobre o autor ou a tradução. A propósito de cada espectáculo, o sítio transforma-se num completo programa que pode ser consultado a qualquer hora.

Sendo tão simples e múltiplas as hipóteses de, através da *Internet*, fazer, não apenas com que um espectáculo sobreviva para lá do espaço cénico, mas também que seja recriado de uma forma que jamais poderá ser apresentada em palco, importa perguntar porque é que tantos sítios continuam a funcionar como meras áreas de consulta? Descansa-nos o facto de, nestas coisas da *Internet*, a verdade de hoje poder não ser a verdade de amanhã, pelo que esta análise, tal como os conteúdos dos sítios, não deve apenas servir para mais tarde recordar, mas antes para a todo o momento poder mudar.